

FAROL

Farol

Contos do ateliê de narrativas Socorro Acioli



ATELIÊ DE NARRATIVAS
SOCORRO ACIOLI

© Moinhos, 2017.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Nathan Matos

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A181f

Acioi, Socorro (Org.) | Farol: contos do ateliê de narrativas Socorro Acioi

ISBN 978-85-92579-51-7

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção e contos brasileiros 2. Farol I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2017 | 272 p.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos — Belo Horizonte — MG

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

Toda boa história começa com um "e se...", 7

O dia que virou noite, 9

ANA MAY BRASIL

Amor de Carnaval, 19

ANA RAQUEL MONTENEGRO

Por causa de você, 31

ANGELA VASCONCELOS

Loop, 41

BARBIE FURTADO

Gigante é o mar, 49

CAMILA CHAVES

A fome do Jorge, 59

CLARISSE ILGENFRITZ

O jardim de Itatira, 67

CUPERTINO FREITAS

Rastro improvável, 79

DANILO FONTENELLE SAMPAIO

Fio a fio, 89

DAUANA VALE

O enigma do isolamento, 99

ÉSULO MAIA

Vencer é o pior negócio, 113

FAYGA BEDÊ

Miguel e Maria Rosa, 115

FRAN LEMOS

O Demônio do Araripe, 129

HUMBERTO FRAGA

Bella e Daniel, 137

ISABELLE LEAL

Simplesmente Maria, 149

JOÃO AMARAL

100 Anos de Seca e Solidão, 159

JOÃO RODRIGUES NETO

Autoescola, 167

JOÃO VICTOR CABAÑAS

A saga do grande vaqueiro, 177

KARLLA ANDRADE

Tudo começa com uma colisão, 179

LUCIANA B. SANTOS

Retirante, 187

MARCELO LETTIERI

Minha amiga virou um polegar, 199

MÁRCIA ALCÂNTARA

O retorno, 207

MARIA LUIZA ARTESE

O sonho, 215

MALU AQUINO

No seu lugar, 223

PAULO HENRIQUE PASSOS

Tapera, 231

RAFAEL CANECA

Recomeços, 239

SARA REBECA AGUIAR

A marca, 247

STÊNIO GARDEL

O pacto, 251

TÂNIA MARIA SALES

Presas e caçador, 259

VANESSA PASSOS

Toda boa história começa com um "e se..."

Desde o dia em que eu e os vinte e nove autores deste livro estivemos juntos na mesma sala de aula pela primeira vez, nossas vidas foram modificadas para sempre. Consigo ver como se fossem as cenas de um filme, cada um chegando no auditório da Livraria Cultura com um sonho diferente - porque somos, sobretudo, sonhadores incorrigíveis.

Do meu lugar, eu conseguia ter a visão total do caleidoscópio de rostos, corpos, sotaques, idades e personalidades que esperavam de mim ser a voz que os conduziria a realizar o sonho de construir narrativas. Uma imensa e prazerosa responsabilidade que assumi com minha alma inteira. Minha missão era fazer com que cada um escrevesse o melhor dentro das suas possibilidades e sem repetir fórmulas, sem engessar o seu texto, com todo respeito ao estilo de cada um.

Alguns queriam escrever por um desejo intelectual de falar sobre algum assunto. Outros tinham uma necessidade tão grande de contar uma história que mal sabiam explicar o porquê. Apenas precisavam escrever. Aos poucos, fomos vivendo experiências de aprendizado e mergulho no fazer literário. Aprendemos sobre Teoria da Narrativa, lemos em grupo, discutimos obras e autores, compreendemos a realidade do universo da produção literária brasileira.

Quando o processo de escrita dos contos começou, algo muito forte aconteceu. À medida em que uns liam e comentavam os projetos dos outros, deixamos de ser trinta pessoas para virarmos quase trezentas. Nós e os personagens passamos a viver juntos, emaranhados. Tanto os personagens dos contos como dos projetos de romances dos alunos começaram a coexistir e daí pra frente não tivemos mais controle do dínamo da criação que nos motivava.

O Ateliê de Narrativas Intermediário teve uma carga horária de oito aulas com quatro horas, cada uma. Porém, foi muito mais do que isso. Incontáveis encontros, cafés, pizzas, rodadas

de cerveja, conversas e risadas fizeram parte da nossa formação. Desentendimentos também, várias discordâncias literárias e muita luta para salvar personagens da morte — ou apressar o seu fim, em alguns casos.

Colecionamos tantas piadas internas e situações engraçadas que poderiam render outro livro. Um filme sobre nossa história também seria de impressionar. Há uma coincidência que marca esse encontro: a maioria dos alunos chegaram ao primeiro dia de aula saindo ou tentando sair de uma dor imensa trazida pela vida. Também fomos ombro amigo uns para os outros, pois quem vive sem doer? E quem vive sem sofrer até perder as forças para depois buscar a vida de volta?

A maior narrativa que escrevemos foi a história de uma amizade que nos fortaleceu e ensinou. Do meu lugar de professora, sinto muito orgulho de cada um desses autores. Eles e elas sabem exatamente do meu profundo carinho e do quanto sou grata pela confiança depositada em mim na realização de tantos sonhos.

Nunca almejei o posto de professora perfeita. Faço questão de estar em sala como um ser humano que se propõe a ensinar. Com todas as minhas virtudes e falhas, eu sempre estive ali de corpo inteiro, coração aberto e alma trasbordante de encantamento.

E chegamos aqui, somos os trinta pais e mães de um sonho chamado Farol. Este livro é mais que um objeto de papel e tinta. Ele é o testemunho do que talvez tenha sido um dos melhores períodos das nossas vidas. A boa notícia é que esse tempo bom não tem data para acabar. Seguiremos juntos, agora de mãos dadas com leitoras e leitores que estão chegando para viver essa alegria conosco.

Sejam todos bem-vindos ao nosso pequeno reino. Aqui nós sonhamos e somos felizes.

Socorro Acioli

O dia que virou noite

Ana May Brasil

Há mais de oitenta anos, em 29 de maio de 1919, uma equipe de astrônomos ingleses estava em Sobral, no interior do Ceará, para observar e fotografar um eclipse total do Sol. A principal motivação dessa expedição científica era verificar a previsão de Albert Einstein para o desvio da luz de uma estrela ao passar perto do Sol. Einstein calculara o valor desse desvio usando sua teoria da Relatividade Geral, publicada quatro anos antes, e a comunidade científica estava ansiosa para saber se esse valor seria, ou não, comprovado pelas medições astronômicas.

(Seara da Ciência — O Eclipse do sol em Sobral e a Relatividade Geral).

No início do ano de 1918, um abastado casal sobralense resolveu contratar uma preceptora para a sua filha adolescente, pois desejava que ela tivesse aulas de língua inglesa e conhecimentos gerais. Através de um parente, que morava no Rio de Janeiro, obteve-se a indicação de uma moça, que já fora professora particular de inglês em uma considerada família carioca. A escolhida tinha trinta anos, ótimas referências e concordara em morar na pequena comunidade do interior do Ceará. Um fator considerado negativo pela família foi o fato de, embora solteira, vir acompanhada de um filho de cinco anos. Esse dado fez com que pairasse alguma dúvida em sua contratação, contudo ela correspondia a todos os demais requisitos exigidos.

A chegada de Celeste e do menino à cidade logo deu ensejo a muitos comentários. Imagine, naquela época, uma mulher acompanhada apenas de um filho, vinda de longe e para assumir uma colocação tão íntima na mais importante família da região.

Celeste encontraria mais um problema logo nos primeiros dias. A única professora de inglês da cidade esperava ser convidada a dar aulas à filha moça dos Guimarães, de modo que encarou Celeste como uma usurpadora, influenciando uma parte da pacata sociedade sobralense contra a recém-

chegada. Em conversas mantidas com as mães de seus alunos sempre deixava claras as suas opiniões sobre Celeste:

— Não ponho fé nessa criatura! Desgarrada, sem marido, sem parente e ainda com uma criança? Sei não...

E ouviu de suas interlocutoras:

— Outro dia a encontrei tomando ar fresco, à beira do Acaraú, sozinha e pasmem: fumando um cigarro!

— Também tive o desprazer de encontrá-la, ao sair da missa, e ela nem o sinal da cruz fez ao passar em frente à Igreja do Patrocínio.

— E isso dela ser toda amiguinha da sua empregada? Já vi as duas fazendo compras às gargalhadas. Um péssimo exemplo para nossas serviçais!

Alheia a tudo isso, Celeste estava se saindo muito bem no trabalho. Conquistara toda a família, especialmente a aluna Lucíola, que tinha em sua mãe uma leitora de José de Alencar. A menina demonstrava uma facilidade enorme na aprendizagem da língua inglesa, agradando demais aos seus pais. Celeste também acertara na vida doméstica, pois lhe arranjaram uma auxiliar para os serviços caseiros, muito competente, da sua idade, e que também cuidava de Pedrinho todas as manhãs, enquanto Celeste trabalhava.

O que faltava à jovem professora era uma vida social. Sentia-se um peixe fora d'água nesse aspecto. Restringia-se a comparecer aos eventos para os quais costumava ser convidada pelos Guimarães, mas, mesmo nestes, percebia que sua aceitação se limitava ao atendimento de normas sociais. Sua mudança do Rio de Janeiro para Sobral fora uma guinada em sua vida, e às vezes pensava se não teria exagerado em praticamente fugir da cidade, após ser abandonada pelo pai de seu filho. Sem dúvida, o fato de não ter parentes no Rio e condições mínimas de sobrevivência contribuíram para a sua decisão. Fora difícil resistir aos apelos de sua mãe para que voltasse à sua terra de origem.

Quando morava na Cidade Maravilhosa uma das distrações preferidas de Celeste era ler a tradução de bons romances publicados nos jornais locais sob a forma de folhetins. Foi

assim que leu a primeira versão portuguesa dos livros das irmãs Brontë: O Morro dos Ventos Uivantes e Jane Eyre. Em Sobral lhe restava bastante tempo livre, mas ela o aproveitava estudando inglês e trocando cartas, de vez em quando, com familiares e amigos distantes.

No meado de abril de 1919, o Sr. Gonçalo Guimarães, pai de Lucíola, chamou a professora para uma conversa:

— Não sei se a senhora tem conhecimento da expedição inglesa que virá a Sobral para assistir ao eclipse solar do próximo dia 29 de maio. Gostaria de solicitar seus préstimos de tradutora de inglês nesse período. Começaríamos depois de amanhã quando receberei, aqui em casa, o chefe da logística da expedição britânica. Ele ficará apenas três dias para analisar as condições locais de apoio à equipe científica e seu material, que deverão chegar à véspera do acontecimento. Como disponho de muitos quartos vazios aqui em casa, o ideal seria a senhora ficar hospedada aqui nos dias em que o Sr. Gerald Hudson também estivesse. Tudo seria facilitado e até Lucíola lucraria com a escuta da conversação em inglês. O que me diz?

— Terei o maior gosto nisso, apenas queria poder trazer o Pedrinho comigo, seria possível?

— Claro. Ele se dá muito bem com todos daqui e é uma criança muito educada.

E foi assim que Celeste e Gerald se conheceram.

Gerald só falava inglês, portanto ele e Celeste permaneceram sempre juntos nos três dias em que ele esteve providenciando a infraestrutura necessária à observação do eclipse.

Mesmo passando tão pouco tempo em Sobral, o cientista foi motivo de muitos comentários naquela província onde todos que chegam são percebidos, especialmente, pelas moças casadoiras da cidade. A mais empolgada com Gerald foi exatamente a professora Ismênia, aquela que queria ser a preceptora de Lucíola. Ela ficou bastante perturbada ao dar de cara com ele e a professora-de-fora, já conversando e rindo, na Praça da Matriz.

Não perdeu tempo em começar a falar mal da concorrente, armando uma verdadeira teia difamatória em torno da jovem

e dando um jeito para que suas invenções chegassem aos ouvidos da família Guimarães. Não adiantou nada, não houve modificação no tratamento dado à sua contratada.

Infelizmente, por outro lado, a grande maioria das moças da comunidade, mais uma vez apoiou Ismênia, passando a discriminar a desgarrada acintosamente quando a encontravam nos locais públicos do município.

O tempo passou rápido e, dois dias antes do inusitado evento, eis que chegaram a Sobral as expedições brasileiras, liderada pelo astrônomo Henrique Morize, e a inglesa, chefiada por Charles Davidson e Andrew Crommelin, estes assessorados pelo diligente Gerald Hudson, além de dois fotógrafos especializados em astronomia.

Gerald, mal chegou, foi imediatamente para a casa de Celeste e lá ficou por todos os dias em que esteve em Sobral. Claro que a atitude dos dois foi considerada escandalosa por parte da sociedade local, porém o jovem casal estava disposto a assumir as consequências. A professora Ismênia aproveitou-se muito de tudo isso porque o fato funcionou como uma comprovação ao que ela havia fantasiado sobre o comportamento da tradutora.

Finalmente, em 29 de maio de 1919, Sobral viveu um de seus dias mais marcantes. Já cedinho a população chegava à praça em frente à igreja do Patrocínio, onde estavam armados os equipamentos a serem utilizados nas fotografias do fenômeno. Muitos curiosos de outras localidades próximas também vieram confirmar o anunciado fenômeno que já começava a diferenciar o céu naquele dia.

Em meio à agitação causada pelo evento, muitos temiam o que poderia acontecer e viam o fenômeno como um aviso do demônio, o fim do mundo ou simplesmente um truque dos estrangeiros. Entretanto, os mais esclarecidos tinham conhecimento de que se tratava de um eclipse do Sol, e os cientistas, de que era um eclipse extraordinário, capaz de confirmar, ou não, uma previsão matemática do físico Albert Einstein. Entremontes, o dia nascera nublado e a ansiedade dos cientistas foi imensa até que, de repente, as nuvens deixaram de esconder o Sol e o eclipse pôde ser observado com toda a eficácia.

Às oito horas e cinquenta e seis segundos, no auge do eclipse, o dia escureceu completamente. Os galos começaram a cantar. O povo evitava expressar seu medo, em atendimento à solicitação do prefeito. Não deveria haver qualquer desordem e nenhuma luz deveria ser acesa, para não prejudicar o trabalho das medições fotográficas.

Porém dava para se ouvir o som de vozes intimidadas murmurando orações de desespero. Enquanto isso os cientistas estavam felizes, deslumbrados com a possibilidade de fotografar estrelas, normalmente ofuscadas pelo Sol. Seria a comprovação da teoria de Einstein.

O eclipse prolongou-se por cinco minutos e vinte e oito segundos. Depois desse tempo o astro-rei voltou a brilhar. Os galos silenciaram. A Teoria da Relatividade estava demonstrada. A Física tinha uma nova teoria.

A despedida de Gerald e Celeste ocorreu logo no dia seguinte ao grande acontecimento e foi repleta de promessas de parte a parte. Ele se foi, ela ficou, e teve que enfrentar muito preconceito e discriminação. O contrato de trabalho expirava no final daquele ano e ela esperava resolver seu destino até então. A resposta viria antes disso. Em agosto recebeu a visita de sua mãe, que foi portadora de más notícias. A avó paterna de Pedrinho havia comunicado à polícia do Rio de Janeiro o desaparecimento do neto. Celeste não teve outra saída: pediu dispensa do trabalho e partiu, juntamente com sua mãe e o filho, para resolver o problema inesperado.

Tudo complicou para Celeste porque Vicente, pai do seu filho, adoecera gravemente, após abandoná-la. Ele era filho único da tradicional família Toledo, de Minas Gerais. Não quisera seguir os passos do pai em nenhum aspecto, deixando tudo para trás. Seu sonho era ser pianista, todavia depois de trabalhar como tal em casas do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, terminou enveredando na vida boêmia, gastando o que não tinha, desonrando seus compromissos. Foi quando abandonou Celeste e seu filho, fugindo para São Paulo.

O encontro com seus pais, em uma casa de saúde da Capital paulista, foi triste, mas os Toledos não esconderam a satisfação

de saber da existência de um descendente. O rapaz definhava a olhos vistos, motivando a busca intermitente de seus pais pelo neto. Vicente foi diagnosticado com tuberculose e os médicos lhe davam pouco tempo de vida. Ele precisava despedir-se do filho e os avós queriam conhecê-lo. Para isso, apelaram para uma queixa à polícia, como última saída. Não por maldade, mas por desespero.

Após deixar a mãe na cidadezinha em que morava, Celeste encaminhou-se para o Rio de Janeiro, onde estavam Vicente e seus pais. Ao visitá-los, apresentando o neto, logo foi convidada a permanecer na residência deles, onde Pedro gozaria da companhia do pai, dos avós e da mãe. No início da convivência, a jovem professora não se sentiu à vontade, mas com o passar do tempo foi se habituando à companhia deles, entregando-se a uma vida tranquila, de muitas oportunidades para sua carreira e, sobretudo, de alto padrão econômico.

Moravam em uma imensa vivenda, em frente à Praia de Copacabana e, nos fins de semana, usufruíam, em Petrópolis, de uma casa espetacular, que havia pertencido a um membro da Família Real. Pedrinho levava uma vida de príncipe: tinha a atenção de uma babá o dia inteiro e um menininho, da sua idade, escolhido especialmente para brincar com ele. Aliás, essa pequena criatura era instruída para tratá-lo como a um patrãozinho, um costume herdado da época da escravidão. Além disso, Pedro contava com os avós lhe fazendo todas as vontades, sem falar no olhar embevecido do pai, sempre que ia ao quarto dele. Pena que fosse obrigado a seguir algumas normas médicas que impediam um contato maior entre pai e filho.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, Gerald tentava retomar a correspondência incerta que havia estabelecido com a brasileira logo após seu retorno de Sobral. Para as duas últimas cartas que mandara não recebeu nenhuma resposta e ele não sabia o porquê. Será que fora apenas uma paixão passageira por parte dela? Até pensou em voltar ao Brasil, mas tudo era complicado e ele foi deixando o tempo passar, na esperança de receber alguma comunicação da amada. Seu trabalho na comitiva inglesa, que comprovara a Teoria

de Einstein, no Brasil, lhe rendera muitos elogios e ele foi convidado a participar de uma nova expedição científica, dessa vez no Continente Africano.

Em 1920, em plena Capital do Brasil, a vida de Celeste estava efervescente. Conseguiu ser selecionada como professora do Colégio Sion, uma escola exclusivamente feminina e altamente conceituada, o que certamente, abriria portas para a jovem professora. Entre outras atividades sociais de que Celeste participava, a preferida era o teatro. Não perdia as apresentações no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde fizera muitas amizades com os alunos da Escola Nacional de Bellas Artes, que depois passou a integrar a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o nome de Escola de Belas Artes.

Ela estava feliz com sua vida particular, e só não generalizava tal felicidade por duas razões: a tensão decorrente do estado de saúde periclitante de Vicente e as lembranças do romance que vivera com Gerald. Não conseguia esquecê-las, embora mais parecessem sonhos e, pior, sonhos que deveriam ser apenas dela. De fato, só havia lhe escrito uma vez, mas nunca obtivera resposta. Não seria pretensão da sua parte acreditar que um cidadão do mundo iria se enredar com uma professorinha brasileira? Resolvera só escrever novamente depois de receber uma carta dele.

Na páscoa do ano seguinte, Vicente faleceu. Embora prostrado e praticamente sem esperança de cura, ninguém estava preparado para o sofrimento que se seguiu à sua morte. Seus pais foram morar com ele na Capital Federal, após o diagnóstico da sua enfermidade, na tentativa de ajudar o filho de algum modo. Agora, sem ele, pareciam ter perdido o rumo. Pedrinho não entendia o papel daquele pai sempre deitado e fisicamente distante, mas que ele aprendera a amar. A mais serena era, sem dúvida, Celeste. Coube a ela todas as providências legais diante da situação e isso lhe consumiu por um tempo considerável. Além disso, precisava atender aos sogros e cuidar do filho. Algum tempo depois, ainda durante o luto, a professora foi abordada pela sogra para uma conversa séria: